



XXII CONBRACE
IX CONICE | 2021
12/Set a 17/Dez
Evento online

EDUCAÇÃO FÍSICA E
CIÊNCIAS DO ESPORTE
NO TEMPO PRESENTE:
DEFENDER VIDAS.
AFIRMAR AS CIÊNCIAS

“Eu posso viver”: relato de experiência sobre problematizações de gênero nas aulas de educação física

Sessão de Pôsteres

Autores:

- Amanda Dória de Assis

E-mail de contato

doria-amanda@hotmail.com



O trabalho se constitui um relato de experiência que discuti gênero. O referido trabalho foi realizado em uma escola da Escola Municipal de Porto Alegre em 2019, com uma turma do terceiro ano do ensino fundamental.

Ao trabalhar a unidade didática de dança, planejei as seguintes atividades: jogo de dança *just dance*; análise de danças de diferentes gêneros musicais; elaboração coreográfica.



Desde a primeira atividade que realizei de dança, inúmeras situações emergiram, como:

Deboches ridicularizando os meninos que estavam dançando, chamando-os de viados; olhares que censuravam as meninas, pois estavam “rebolando demais”

Por conta disso iniciei através dessa mesma unidade didática de dança, um trabalho sobre gênero e sexualidade. Analisamos clipes da Pablo Vittar, da cantora Iza.



Esse trabalho das aulas de dança culminou em uma apresentação de danças que fizemos em uma tarde durante o intervalo das aulas. Entre as músicas que apresentamos estava a música Dona de Mim, onde as meninas foram protagonistas, apresentando ao fim da música seus cartazes, expressando o que desejavam, entre as frases que elas escreveram e expuseram, estavam: *'eu posso viver'*, *'faça a diferença garotas!'* . em especial, destaco o cartaz que diz: "Eu posso viver!", escrito por duas alunas, entre elas, uma das alunas relatou ter sofrido abuso sexual.



Quando alunas, ainda na infância, precisam dizer que podem viver, enunciam também que há algo no social que as ameaçam, as afetam. Trata-se de uma menina, negra, moradora de um bairro localizado na periferia de Porto Alegre. Sabemos que diferentes marcadores de diferença, como gênero, raça, religião, idade – produzem experiências diversas, inclusive de quem pode ou não viver, o modo como essas pessoas podem e devem viver. Reconhecendo que na sociedade patriarcal branca, os delimitamentos de gênero tornam vidas mais precárias que outras, cabe na escola tratar dessas questões.



A experiência como professora de educação física tem sido um espaço de muitas angustias, sobretudo nesse período neoconservador que vivemos. No entanto também é lá na escola o lugar onde escuto, vejo, converso com as crianças e vislumbro descontentamentos.

Na escola as crianças também podem ter acesso a outras narrativas sobre ser e estar no mundo. Para além disso, ter suporte e acolhimento para viver suas diferenças, as quais devem ser enaltecidas e celebradas, e não tratadas como “o diferente – fora da norma”. Que nossas meninas possam perceber que elas podem dançar como quiser, sem serem objetificadas e sexualizadas desde pequenas. Que mulherzinha, viado, não sejam mais deboches, mas sim afirmações. Que as crianças se empoderem, se autoafirmem, como são e desejam ser em suas mais diversas formas de se enunciar no social. Que todas, todes e todos, enfim, possam viver!